

# Sexo no Amor Platônico

Gregory Vlastos

Trad. Paulo Ghiraldelli Jr.

De acordo com o *Concise Oxford Dictionary of Current Usage* (1954), o amor platônico é o “amor puramente espiritual por alguém do sexo oposto”.<sup>1</sup> Se concedemos que é isto que o termo significa hoje – não precisamos disputar autoridade com o dicionário – deveríamos ao menos tomar o cuidado de notar o quanto isso se desviou do que era o significado em Platão. O primeiro desvio – a noção de que eros interpessoal é “amor puramente espiritual” – passou despercebido na literatura dos *scholars*; longe de chamar atenção para ele, alguns estudos recentes, realmente, o endossaram. Assim, Gould (1963, 119) escreve:

Se eles [o casal enamorado no *Fedro*] são amantes verdadeiros da sabedoria, o único intercurso que lhes será requisitado é o de exploração racional juntos, o de serem companheiros na aventuras da vida mental

E Irving Singer (1966, 80):

No *Fedro* (...) a harmonia dos cavalos negros e brancos produzem finalmente um elo puramente espiritual do qual toda sexualidade foi exorcizada.

Tais enunciados parecem ter continuado não desafiados, e pode não ser errado apontar que eles são destoantes de claras implicações do texto de Platão.

Considere o que ocorre na passagem que esses enunciados têm em vista: quando o homem tem sua primeira chance sobre a beleza da juventude, a “visão erótica” provoca impulsos libidinosos “no todo” de sua psique: tudo é “inflamado” – o cocheiro e o cavalo branco, não menos do que o negro; ele é “preenchido com comichões e picadas de desejo” (253E5-254a1)<sup>2</sup>. O cavalo branco (e *a fortiori* o condutor) é “mantido seguro por vergonha de que ocorra um pulo sobre o desejado” (254a2-3): o impulso é controlado, não dissipado. Não controlado no cavalo negro, “terrível e desgovernado”, seguiria por sobre o focado, não fosse a ação do condutor,

que caindo sobre as costas, como um jockey em competição, com um ainda mais violento puxão quebra um pedaço de dente do desavergonhado cavalo, sujando seu freio de língua e mandíbulas com sangue, dobrando suas pernas e quadril, e punindo-o. (254E)

Isso acontece “muitas vezes” (254E6) antes do lascivo cavalo se render.

Agora, seria razoável pensar que Platão tem a expectativa de que um caso amoroso comece de modo cru, quase esmagador, obsessivo, e então se torna totalmente dessexualizado quando de sua maturidade? Se assim é, então por que ele nos conta que o garoto, quando dá retorno à paixão do amante, “quer ver, tocar, beijar e compartilhar sua cama”, um desejo que “antes de tudo, como se poderia apostar, conduz a agir”, de modo que agora encontra o par “dormindo

---

<sup>1</sup> No Webster’s a definição é parecida.

<sup>2</sup> Nota de Vlastos sobre sua tradução do grego [não vem ao caso aqui]

junto”? Temos de supor que um completo serviço de mortificação da carne interveio de modo que o beijo, o abraço e o dormir junto agora, já mais tarde, deixa o casal fisicamente imperturbado – um relatório Masters e Johnson de suas intimidades não registraria nenhum sinal de excitação genital? O que ocorre na próxima história de Platão não é favorável a esta hipótese: o cavalo negro na alma do garoto “se enche de desejo” (256a2) quando ele abraça e beija; ele “não recusaria de fazer sua parte para gratificar as solicitações do amante” (256a4-5), não fosse a resistência do cavalo branco e do condutor”. Assim, o desejo físico ainda está no garoto, e *a fortiori* no amante. Ocorre uma “luta olímpica” (256B4-5) para mantê-lo sob controle.

Coloco minha tese positivamente: essa forma de experiência apaixonada inventada por Platão, que deveria contar como um sentido original, e sempre primordial, de “amor platônico”, é um misto de sensualidade, sentimento e vida intelectual – uma amizade ligada por atração erótica não menos do que por troca intelectual. Afeição corpo-como-corpo é uma das características normais, todavia, sempre sujeita a limites de que gratificações terminais serão negadas. E este interdito é ele próprio somente um requerimento ideal; obrigatório para filósofos, é aplicado de modo mais tolerante a outros. Em amantes de modos de vida “mais ambiciosos e menos filosóficos” Platão tem a expectativa de deslizos: “Quando bêbados, ou em outras horas descuidadas, os cavalos insolentes em suas almas podem desgarrar-se de seus guardas (...) e eles podem então escolher e fazer o que o vulgar toma por beijo”. Se isto ocorre de modo não freqüente e contra suas melhores determinações, a escatologia de Platão não irá danificá-los – o que significa, entre outras coisas, que eles ainda se qualificam como amantes platônicos:

Aqueles que começaram na jornada para o céu, nenhuma lei mandaria para passagens escuras sob a terra. Mas eles andam juntos em uma vida de felicidade radiantes e, quando chegar o tempo, eles ganharão asas juntos por causa de seu amor. (256D).

Vou agora tomar o outro ponto em que o dicionário se separa de Platão quanto ao “amor platônico”: “amor por alguém do sexo oposto”. Aqui os *scholars* tem ido ao outro extremo, sugerindo que não há lugar, no amor platônico, em absoluto, para o amor homossexual. Alguns dos estudos mais finos têm caído nessas implicações. J. A. Symonds, o vitoriano invertido, cuja monografia abriu a homossexualidade grega para o esclarecimento de sua geração, viu o amor platônico como “sodomia velada” (1901, 54). Kenneth J. Dover, em sua monografia admirável – uma tão precisa e sofisticada peça acadêmica sobre esse tema jamais surgida em qualquer linguagem – diz que “Platão explorou exclusivamente emoções homossexuais para sua teoria filosófica de Eros” (1966, 39). Sugiro que isso vai longe demais. Admitidamente isso encaixa todas as coisas no *Fedro* e também à maioria do que Platão coloca na *pièce de resistance* de *O Banquete*, a fala de Diotima: o amor dos garotos forma a base daquela imagem da escada, ao longo da qual o amante sobe até os graus mais altos da forma de amor; ele começa com o amor de “corpos belos”, e se lemos atentamente veremos que, suficientemente certo, esses corpos são masculinos.<sup>3</sup> Contudo, quando Diotima responsabiliza-se por estabelecer as condições mais gerais que a busca da Beleza tem de encontrar para capacitar eros, sua frase, “nascimento em beleza”<sup>4</sup>, é patentemente uma generalização do amor procriativo – daí, necessariamente *heterossexual*. Vou lidar com essa fórmula, pois ela é certamente a coisa mais profunda no diálogo.

Exatamente antes ela havia conseguido de Sócrates a concordância de que Eros é o desejo de possuir o bem, acreditando que isso traria a felicidade ao seu possuidor. Pode-se ter a expectativa de que ela construa ao longo de seu discurso o lugar comum do hedonismo – que o que queremos em amor é prazer e que a beleza seduz por meio da promessa de prazer. Aí é onde ela nos surpreende. Pois a figura do homem como o caça-prazeres é substituída pela imagem do

---

<sup>3</sup> [nota de rodapé de Vlastos sobre a tradução]

<sup>4</sup> Symposium. 206Bff.

homem como criador, produtor e inventor: sempre “grávido”, assumindo uma tarefa pela qual ele busca cumprir, ele se estimula à Beleza porque somente na sua presença ele pode achar a desejada autonomia.

Esse entendimento do amor tem simplesmente um paradigma heterossexual. Ao dirigir-se ao casal reprodutor, Platão reconhece a expressão arquetípica de eros, sua forma mais elementar e universal. E ele não minimiza a força emocional dessa direção:

Não vê você como todas as criaturas vivas, pássaros e brutos, em seu desejo de procriação, ficam em agonia quanto tomados pela infecção do amor, que começa com o desejo de intercurso e então passa para o cuidado da prole, cujo sustento coloca o mais fraco pronto para lutar contra o mais forte até o fim, e até morrer por isso, e sofrerá os tormentos da fome, ou fará qualquer outro sacrifício para servir aos jovens? (207B-C)

O que é então que dispôs as observações de Symond e Dover e levou o filisteu erudito, John Jay Chapman, a estigmatizar o *Banquete* como o

*Vade mecum* daqueles que aceitam e continuam a praticá-lo (...) um tipo de livro devocional de sedução – o breviário sulfuroso da pederastia? (1934, 133).

Na maior parte, isto: amor conjugal, contudo intenso, ainda permaneceria no esquema de Platão como um fim espiritual<sup>5</sup>, um impulso gasto completamente no alcance de seu objetivo imediato, não gerando qualquer acréscimo de energia para o combustível de vôos na empiria. Suponha que o homem no *Fedro*, bem antes de encontrar aquele garoto, tivesse amado uma linda garota com quem tivesse criado na harmonia doméstica uma penca de crianças esplêndidas. Não haveria uma palavra em Platão para sugerir que esta relação poderia ter sido, para o homem ou para a mulher, em algum ponto, o começo de uma *vita nuova* – a aterrissagem na diagramada figura da escada ascendente. O amor platônico – como também, mais tarde, a cortesia, e mais tarde ainda, o romantismo – é tomado como um milagre de transformação da vida, um análogo secular da conversão religiosa, uma mudança mágica de perspectiva de horizontes novos e encantados. Para Platão, para quem o espírito vem para a vida em palavras, o primeiro e decisivo sinal da mutação seria uma repentina perda da língua, um instinto inédito para a conversa intelectual. Quando ouvimos isso? Quando o homem que está “grávido na alma” encontra uma “nobre e bem nascida” alma em um belo corpo, ele então encontra a facilidade de fala sobre a virtude e sobre o que um bom homem deveria ser e praticar<sup>6</sup>. Isto é o arranque inicial na escada ascendente que termina no encontro frente a frente com a Idéia de Beleza. Lá, no pico, toda a visualização da homossexualidade é abandonada. A comunhão com a Idea é consumada em intercurso conjugal que “trará adiante não imagens de beleza, mas realidades” (212A). O que começa como um poema pederástico termina em casamento transcendental.

Texto traduzido pelo Filósofo Paulo Ghiraldelli Jr, de Vlastos, g. *Platonic studies*. Princeton. Princeton University Press, 1981.

Centro de Estudos em Filosofia Americana (CEFA) e Portal Brasileiro da Filosofia

---

<sup>5</sup> Cf. a conclusão de Dover (1966, 40).

<sup>6</sup> Symposium 209 A-C; cf. 210-C1-3